



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

MARIANA DIAS DA SILVA

**RESGATE DAS MEMÓRIAS DE VIDA, DA FORMAÇÃO  
ESCOLAR E DA PRÁTICA DOCENTE**

ABAETETUBA/PA

2017

MARIANA DIAS DA SILVA

**RESGATE DAS MEMÓRIAS DE VIDA, DA FORMAÇÃO  
ESCOLAR E DA PRÁTICA DOCENTE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, como exigência para graduação no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Universidade Federal do Pará, sob orientação do Prof. Msc. Rodrigo Ferreira Moraes.

ABAETETUBA/PA

2017

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

S586r Silva, Mariana Dias da.  
Resgate das memórias de vida, da formação escolar e da prática docente / Mariana Dias da Silva. — 2017.  
50 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Me. Rodrigo Ferreira Moraes  
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Pedagogia, Abaetetuba, 2017.

1. Memorial. 2. Lembranças. 3. Experiências vividas. 4. Contribuições acadêmicas. I. Título.

CDD 370

---

MARIANA DIAS DA SILVA

**RESGATE DAS MEMÓRIAS DE VIDA, DA FORMAÇÃO  
ESCOLAR E DA PRÁTICA DOCENTE**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Msc. Rodrigo Ferreira Moraes

Orientador

---

Prof. Msc. Camila Claide Oliveira de Souza

Examinador (a)

---

Prof. Msc. Dayse Danielle Souza da Costa

Examinador (a)

ABAETETUBA/PA

2017

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus por ter me iluminado em todos os momentos de minha vida, por ter me dado forças em momentos difíceis que surgiram durante essa jornada e coragem para ultrapassar barreiras até chegar ao meu tão sonhado objetivo que era concluir o ensino superior.

À Universidade Federal do Pará, em especial a equipe do PARFOR que me deu oportunidade de realizar meu sonho.

Ao meu orientador Rodrigo Ferreira Moraes e a Andressa Araújo pela disponibilidade contribuição na realização desse trabalho.

À todos os professores que foram exemplo e fonte de entusiasmo, em especial ao professor Adelino Ferrantti que me deu muita força e lindas palavras de incentivos para não desistir.

Aos meus pais João e Cristina pela compreensão e apoio que foram fundamentais nos momentos difícil dessa jornada.

Em especial ao meu esposo José Augusto, meus filhos João Vítor, Marcus Vinícius, Jael Augusto e Mayana Cristina. Vocês são tudo em minha vida!

Ao meu sogro José Vilmo, minha sogra Júlia e minhas cunhadas Jacirene e Jacinete, por terem cuidado dos meus filhos em alguns momentos dessa jornada.

Aos meus irmãos Ricardo e Maria Cristina e minha cunhada Mariley pela força que me deram durante essa jornada.

Ao meu grupo de estudo, Ana Dias, Rosinete, Neiva, Nilma, em especial a Maria de Nazaré, pela imensa amizade que se fortaleceu durante esses anos e que continuará adiante, e a todos os outros colegas de turma que me ajudaram muito, foi um imenso prazer compartilhar essa formação com eles e que Deus abençoe cada um.

E a todos os familiares e amigos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho e aos meus alunos que me desafiaram continuamente para melhor aprenderem. A todos o meu muito obrigada!

**Que educador seria eu se não me sentisse movido por forte impulso que me faz buscar, sem mentir, argumentos convincentes na defesa dos sonhos por que luto? Na defesa da razão de ser da esperança com que atuo como educador?**

**Paulo Freire**

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal descrever através da pesquisa autobiográfica a minha história de vida pessoal, em um contexto que perpassa pela minha história de vida desde a infância, minha formação docente e formação no curso de pedagogia. Com base no objetivo apresentado, tomam-se como questões dessa pesquisa: minha vida adulta, minha formação, mercado de trabalho e vida acadêmica (PARFOR). No processo de condução metodológico da pesquisa empreendida optou-se pela abordagem qualitativa, mais especificamente na investigação teórica e autobiográfica. Com o estudo realizado pude perceber que a graduação me deu profundas contribuições à minha formação docente, tanto no aspecto intelectual, como na prática, pois a partir da aquisição dos saberes teóricos, junto aos saberes que obtive com as experiências vividas alterei a minha prática docente e adquirir novos conhecimentos para toda minha vida.

**Palavras-Chaves:** Memorial; Lembranças; Experiências vividas; Contribuições acadêmicas.

## ABSTRACT

The present work aims to describe through autobiographical research my personal life history, in a context that passes through my life history since childhood, my teaching formation and training in the course of pedagogy. Based on the objective presented, it is taken as questions of this research: my adulthood, my training, the labour market and academic life (PARFOR). In the methodological conducting process of the research undertaken the qualitative approach, more specifically in theoretical and autobiographical research. With the study conducted I could see that graduation gave me profound contributions to my teaching training, both in the intellectual aspect, and in practice, because from the acquisition of the theoretical knowledge, along with the knowing that I obtained with the experienced experiences I altered my teaching practice and acquiring new expertise for my whole life.

**Key Words:** Memorial; Memories; Experienced experiences; Academic contributions.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Minha infância (9 anos)	15
Imagem 2: Minha adolescência (13 anos).	20
Imagem 3: Eu aos 38 anos de idade.	23
Imagem 4: Escola Maximiano Antônio Rodrigues.	24
Imagem 5: Escola Pedro Teixeira.	32
Imagem 6: Escola Basílio de Carvalho.	34
Imagem 7: Minha Formatura do Magistério.	36

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>1 MINHA VIDA</b>	<b>13</b>
1.1 MINHA INFÂNCIA	14
1.2 MINHA ADOLESCÊNCIA E PARTE DA JUVENTUDE	20
1.3 MATERNIDADE E MINHA VIDA ADULTA	22
<b>2 MINHA FORMAÇÃO</b>	<b>24</b>
2.1 ENSINO FUNDAMENTAL MENOR (1ª A 4ª SÉRIE)	24
2.2 ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR (5ª A 8ª SÉRIE)	29
2.3 ENSINO MÉDIO	33
<b>3 MERCADO DE TRABALHO</b>	<b>37</b>
<b>4 PARFOR</b>	<b>39</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

Nossa memória permite a conexão subjetiva do tempo presente com tempo passado. É por ela que o passado pode ser revisado na atualidade e ser conservado para as vidas futuras. Esse resgate de memória torna possível a permanência de lembranças importantíssimas e até indispensáveis para um indivíduo, um povo, uma sociedade; então o presente trabalho vem resgatar memórias de um conhecimento para a produção desse memorial, tem como principal instrumento de propagação dessas lembranças, as experiências vivenciadas em minha vida e na prática docente, possibilitando reflexões das minhas ações educativas, no sentido de resgatar antigas práticas docentes por mim já vividas; o que deve contribuir de forma significativa para uma autoavaliação, com a certeza de que agora tenho também, além dessa retrospectiva, a formação acadêmica.

Memórias não servem apenas para lembranças de algo que já passou, nem para termos apenas como recordações do que passou em nossas vidas o que já ficou para trás há anos. Nosso passado é imprescindível para haver no presente uma conexão com os sujeitos, suas experiências, seus conhecimentos, sua tradição e valores, para que ao longo do tempo não se acabe e sim se resgate como exemplos em nossa vida. Também é importantíssimo e fundamental para amadurecer e entender o que se passou e o que se passa, já que o passado nunca é vazio, sem contexto, mas colabora para a ampliação e melhoria das informações capazes de formar sua verdadeira identidade. Pois o que você foi ontem reflete no que você é hoje, se não buscar formação para se tornar uma pessoa melhor amanhã.

Segundo Silva e Silva (2005, p. 275) “a memória está nos próprios alicerces da história, confundindo-se com o documento, com o monumento e com a oralidade”.

O estudo histórico da memória coletiva começou a se desenvolver com a investigação oral e vem sendo definida como uma metodologia de pesquisa dentro das ciências humanas e sociais, por levar em consideração e discutir questões pertinentes às relações humanas que se dão no interior de um determinado contexto social. A oralidade é a maior característica da História Oral, tendo nos relatos seu principal suporte de propagação. Para relatar um fato é necessário que se tenham

fontes orais diferenciadas, que possam testemunhar esse ocorrido através de uma sequência de técnicas.

Recordar a minha história de vida permitiu reconstruir a partir de concepções que hoje eu tenho, as experiências do passado e do presente. É nessa perspectiva de resgate a minha identidade cultural e social que motivou a importância de realizar esse trabalho, pois nossa identidade se constrói a partir da interseção da circunstância que nos cercam com os desejos que trazemos.

Ao misturar passado e presente encontramos uma retomada da própria existência de quem narra e ao narrar sua história, o narrador estabelece um processo de reminiscência importante para sua auto-reflexão e seu autoconhecimento, ou seja, conhecer-se a si mesmo num processo de ser o mundo como afirma Freire (1996).

A memória se constitui em um exercício de interrogações de nossas experiências passadas para fazer aflorar não só recordações e lembranças, mas também informações que confirmam novos sentidos ao nosso presente. A forma como encaramos novas situações e objetos está impregnada por nossas experiências passadas. Segundo Bosi (1994), através da memória, não só o passado emerge, misturando-se com as concepções sobre o presente, como também desloca esse conjunto de impressões sobre o presente, construídas pela interação do presente com o passado, que passam a ocupar todo o espaço da consciência. O que a autora quer enfatizar é que não existe presente sem passado, ou seja, nossas visões e comportamentos estão marcados pela memória, por eventos e situações vividas.

A história nos possibilita perceber aspectos importantes que compõem o processo de rememoração. Dentre esses a memória como algo singular e compartilhado, elaborada na relação com o outro e muitas vezes alteradas por nossas vivências diárias.

Segundo Silva (2010) o memorial é concebido como uma excelente forma metodológica produtiva, pelo fato de poder proporcionar ao pesquisador uma compreensão acerca dos movimentos do processo da formação indenitária, educacional e profissional, a partir do ponto de vista do professor, guiado, portanto, pelos olhos da pessoa que o escreve.

O memorial constitui, pois, uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva. Deve então ser composto sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico, que de conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de seu autor, de tal modo que o leitor possa ter uma informação completa e precisa do itinerário percorrido (SEVERINO, 2002, p. 175).

A narração de sua própria história de vida permite ao indivíduo revisitar espaços e encaminhamentos do seu próprio processo de desenvolvimento que podem lhe assegurar novos olhares a sua vida. Ao narrar-se, a pessoa parte dos sentidos, significados e representações que são estabelecidos no seu cotidiano.

Ao longo do referido memorial discutiremos essas questões, procurando a partir deles compreender os processos memorativos e suas contribuições para a formação docente e o ensino.

Assim, na primeira parte irei apresentar a infância como um resgate a arte do brincar, através do lúdico onde a criança é o sujeito histórico e de direito que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brincando, imaginando, fantasiando, a criança aprende, observa, experimenta novos conhecimentos, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo sua própria cultura de maneira correta, falaremos também das dificuldades encontradas na adolescência, fase adulta e universidade, fatos esses que foram de suma importância em minha prática docente.

A segunda parte traz as experiências de ensino desde Fundamental Menor e Maior, da 1ª à 8ª série, o ensino Médio (magistério). Na terceira venho ressaltar o mercado de trabalho, ou seja, minha vida profissional, dificuldades e tranquilidades para minha vida financeira. Na quarta e última parte venho destacar o (PARFOR), um salto para a formação acadêmica, sonho este desejado há muito tempo. Novos saberes teóricos e experiências na prática docente.

Por fim apresentarei as considerações finais pontuando minha compreensão em relação às expectativas vivenciadas no passado e no presente, fazendo uma reflexão no campo do saber frente à educação.

## 1 MINHA VIDA

Sou Mariana Dias da Silva, tenho 40 anos, sou casada com José Augusto, tenho quatro filhos, dois do meu primeiro marido, João Victor de 20 anos, e Marcus Vinícius de 16 anos, com meu atual marido tenho Jael Augusto de 8 anos e Mayana Cristina de 5 anos, moramos no rio Maracapucú, localizado nas ilhas de Abaetetuba, mas de segunda a sexta por conta do trabalho do meu marido e estudos dos meus filhos vivemos em um quitinete atrás da casa dos meus pais, na Travessa Everaldo Santos Araújo, no bairro do Algodal e somente nos fins de semana vamos para nossa casa, nas ilhas. Tirando meus problemas de saúde e a discriminação que recebo no olhar de algumas pessoas quando passo, garanto que vivo bem e sou muito feliz.

Nasci no dia 27 de maio de 1977, na casa de meu avô paterno, localizada no Rio Guajarazinho, nas ilhas de Abaetetuba. Como naquele tempo era difícil se locomover para a cidade à procura de atendimento em um hospital, era comum contar com a ajuda de uma parteira para auxiliar no nascimento do bebê. Segundo relatos de minha mãe, meu parto foi complicado, mas Dona Maria (parteira) tinha experiência e ocorreu tudo bem.

Minha mãe, Cristina Dias da Silva, sempre trabalhou na roça para ajudar sua família e, quando casou com meu pai, parou de trabalhar para cuidar de casa. Ao mudarmos para Abaetetuba, minha mãe passou a trabalhar em casa de família para ajudar nas despesas de casa. Hoje, é aposentada como lavradora rural e se encontra com 61 anos de idade.

Meu pai, João Dias da Silva, trabalhou toda sua infância com seu pai nos chamados engenhos, onde meu avô era dono e fabricavam cachaça. Mas meu pai sempre teve o sonho de viajar por vários lugares sendo pescador, somente quando ele casou com minha mãe passou a viajar para sustentar sua família e, durante muito tempo, foi viajante. Hoje com 65 anos de idade, é aposentado e trabalha por conta própria numa pequena venda de sacos plásticos. Meus pais estão casados há quarenta anos e, mesmo com a ausência do meu pai porque ele viajava muito, sempre me ajudavam e nunca deixaram faltar nada.

Em 22 de junho de 1980, na comunidade do Rio Guajarazinho, na capela de São João Batista, nas ilhas de Abaetetuba, fui batizada e meus padrinhos são meu

avô Manoel Silva (in memoria), o qual sinto imensa saudade, e minha tia, os quais sempre foram presente durante toda a minha vida e sempre tive muito respeito e admiração. Sou filha de Abaetetuba, nasci nas ilhas e aos 8 anos, meu pai juntamente com meu avô materno Antônio Dias, compraram uma casa na cidade, localizada na Tv. Santa Izabel, no bairro algodoal, a mesma era de dois andares, por isso meu avô ficou com a parte de baixo e nós ficamos morando em cima. Então mudamos para a cidade, meu pai, minha mãe, meu irmão Ricardo de 9 anos, minha irmã Maria Cristina, que tinha apenas 6 anos e eu.

### 1.1 MINHA INFÂNCIA

A minha infância foi cercada de interação com adultos, os quais me ensinaram as primeiras regras, valores morais, religiosos e comportamentais de como lidar com as situações da vida no mundo.

Durante muito tempo a educação da criança foi considerada uma responsabilidade das famílias ou do grupo social ao qual ela pertencia. Era junto aos adultos e outras crianças com as quais convivia que a criança desenvolvia seu aprendizado, tornando-se membro do grupo, participando das tradições que eram importantes para eles, a dominar os conhecimentos que eram necessários para sua sobrevivência material e para enfrentar as exigências da vida adulta (CRAIDY; SILVA, 2001, p. 13).

Quanto à ideia de sujeito em formação e de como é vivida, as experiências da infância podem variar de época para época, consideradas históricas e as escolhas que fazemos para dirigir este processo, também diante desses fatos, o que vou descrever como uma experiência possível e desejável de minha infância e as teorias que vou escolher para justificar as minhas escolhas nada mais são do que arbitrárias, mas levando em consideração o que acredito hoje, como o mais correto e adequado quando penso a educação de criança.

Portanto, cada época tem a sua maneira própria de considerar o que é ser criança e de caracterizar as mudanças que ocorrem com ela ao longo da infância. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no artigo 2º, “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompleta, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade” (BRASIL, 1990).

Falar de minha infância me faz lembrar os bons momentos e até mesmo dos ruins que vivi quando criança, as brincadeiras prazerosas, das amizades que se

fortaleciam e dos ensinamentos e valores adquiridos ao longo desse período. (Imagem 01).



Imagem 1: Minha infância (9 anos).  
Fonte: Arquivo pessoal, 1985.

O ato de brincar de cada criança a faz crescer adquirindo aspectos cognitivos necessários para viver em sociedade e até mesmo fisicamente. A importância das dinâmicas em sala de aula não se limita a uma interação momentânea ela está diretamente ligada ao processo de evolução cognitiva da criança e de acordo com Maluf (2003), a ludicidade na escola por meio de brincadeiras, também influencia de forma direta no pensamento da criança sobre o mundo e suas relações sociais. Desse modo:

Os benefícios didáticos do lúdico são procedimentos altamente importantes, mais que um passatempo, é o meio indispensável para promover a aprendizagem disciplinar, o trabalho do aluno e inculcá-lhe comportamentos básicos necessários à formação de sua personalidade. (BITTENCOURT; FERREIRA, 2002, p.16)

E através das brincadeiras que as crianças se expressam e se desenvolvem com mais facilidade e será possível aprender em casa, na escola e na sociedade. Isso também é possível devido à flexibilização das atividades, permitindo que a criança sinta-se segura para se manifestar e desenvolver suas potencialidades livremente. As brincadeiras que vivi nessa época eram meios de aprendizagem,, em todos os sentidos, que me fizeram crescer de maneira responsável.

Essa fase de minha infância foi marcada por momentos prazerosos e únicos, foi o que me recordei de imediato ao iniciar a construção do presente memorial e que me fez refletir sobre o quanto todas as alegrias sentidas durante as brincadeiras, em poder comer uma fruta no pé da árvore, correr descalça pelo quintal, pular de cabeça da ponte dentro d'água, remar de montaria (pequena embarcação movida a remo), ir com os amigos para a escola sem medo do perigo, as dificuldades para estudar e me formar, só me fizeram crescer como cidadã.

Sou abaetetubense, nasci nas ilhas e cresci nesta humilde cidade, na época uma cidade tranquila, e menos violenta e sem medo de ser feliz, onde as crianças brincavam livremente nas ruas, nos quintais de suas casas, as mais diversas brincadeiras, sem ter medo do perigo, esquecidas no tempo, afagadas por tanta diversão que contagiava a criançada naquela época.

Hoje guardo muitas lembranças boas da minha infância, os tipos de brincadeiras como “boca de forno”, pular corda com cipó, bandeirinha, pular elástico, peteca, “pira esconde”, cantigas de roda, entre outras. Diferente das brincadeiras que meus filhos vivem hoje e das quais presencio enquanto professora do ensino fundamental menor. Sabe-se que o brincar para a criança é muito importante nessa fase da infância, é um processo rico em interações e construção de conhecimentos significativos, pois o brincar é uma realidade cotidiana na vida das crianças e expressa a forma como reflete, ordena, organiza, interage com os outros e desorganiza situações.

Morávamos na cidade na casa de meus avós maternos, uma casa de madeira bem humilde, não tínhamos muitos móveis, tudo era bem simples, porém o quintal era enorme onde brincávamos de casinha e minha brincadeira predileta era quando brincávamos de desfile, pois as meninas se enfeitavam com roupas feitas da própria natureza, como flores, cipó, folhas de açaí, bananeira, etc. Depois íamos para o desfile e a mais bonita ganhava, tinha até torcida, era diversão garantida.

No decorrer de toda a minha infância tive a felicidade de conviver em lugares diferentes. Meus avós paternos eram moradores das ilhas de Abaetetuba e meus avós maternos da cidade. Então tive a oportunidade de viver em dois lugares tão diferentes, em termos culturais e sociais, imagina a diversão, era completa!

No interior, tudo era diferente da cidade, a forma de falar, de vestir e, principalmente, de brincar. Sabemos que na hora da brincadeira não é só alegria, às vezes acontece pequenos acidentes, e uma das minhas recordações foi quando tínhamos 8 anos e, numa brincadeira chamada “pira pega”, na casa dos meus avós paternos, meu irmão Ricardo, ao passar por uma janela ao tentar fugir do nosso primo, caiu em cima da carcaça de motores velhos que meu avô guardava ao lado de casa, partiu os lábios e isso lhe rendeu uma cicatriz horrível, tendo que passar por uma cirurgia depois de adulto, hoje a cicatriz não existe mais.

Os momentos das brincadeiras no sítio do meu avô paterno era a parte que mais gostava, porque brincava de caçar aranha preta<sup>1</sup>, correr na bagaceira (lugar onde eram colocados os bagaços da cana), comer cacau no pé e depois andar de canoa pelo rio, pular da ponte na água e, ao cair da noite, sentar na cabeceira da ponte em uma grande roda para ouvir as histórias mais assombrosas que existiam do lugar, era muito divertido.

Meu avô, Manuel Silva (in memoria), do qual sinto imensa saudade, tinha um grande engenho, bem ao lado da casa grande, no rio Guajarázinho, com homens que trabalhavam incansavelmente na fabricação de cachaça, garapa e vinagre. Meus irmãos, primos e eu corríamos para ver o engenho funcionando e beber aquela garapa fresquinha feita na hora.

A comunidade era tão pequena e pacata que o único movimento festivo era os cultos das crianças, aos domingos, e a Festividade de São João Batista realizada no mês de junho. Foi nesse ambiente de comunidade do interior e convivendo com meus pais, avós, tios e primos que cresci e fui educada. E, apesar das dificuldades apresentadas, hoje sou muito feliz em contribuir na educação de meus filhos e alunos com valores que aprendi com o contato com ambientes simples, mas repleto de muito valor. Porém, dessa época, restaram os ensinamentos e as lembranças boas e maravilhosas daquele tempo que não volta mais, ficando eternos em minha memória.

Para Vygotsky (2003), a aprendizagem configura-se no desenvolvimento das funções superiores, mediante a apropriação e internalização de signos e instrumentos num contexto de interação. A brincadeira:

---

<sup>1</sup> Uma brincadeira na qual saíamos a procura de aranhas e quando as encontrávamos, pegávamos e levávamos para uma área livre e jogávamos na água (Grifo nosso).

[...] Cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a desejar, relacionando os seus desejos a um 'eu' fictício, ao seu papel na brincadeira e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que, no futuro, tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade (VYGOTSKY, 2003, p. 131).

Assim, como a brincadeira passou a fazer parte da minha infância de maneira prazerosa, Vygotsky (2003) afirma que, apesar da relação brincadeira-desenvolvimento poder ser comparada à relação instrução-desenvolvimento, o ato de brincar proporciona um suporte básico para as mudanças das necessidades e da consciência. A atuação da criança das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e das motivações da vontade.

Graças ao privilégio de conviver tanto na cidade quanto no interior, tive uma infância marcada praticamente por nenhum brinquedo industrializado, mas sim brinquedos e brincadeiras produzidas com muita imaginação e criatividade. As bonecas e panelas que serviam de objetos nas brincadeiras de casinha eram produzidas de barro tirado de uma olaria que ficava em frente à casa dos meus avós paternos no interior, sem contar com as bolinhas de gude extraídas da seringueira que saltitavam pelo quintal. Na cidade, usávamos vasilhas de plástico, vidro e latas que a minha mãe jogava no lixo, tudo servia para virar brinquedo e faziam a diversão da criançada.

Para Brougère (1995):

Com o brinquedo, a criança constrói suas relações com o objeto, relações de posse, de utilização, de abandono, de perda, de desestruturação, que constituem, na mesma proporção, os esquemas que ela reproduzirá com outros objetos na sua vida futura. Cercar as crianças de objetos, tanto no quadro familiar quanto no quadro das coletividades infantis (creches e pré- escolas), é inscrever o objeto, de um modo essencial, no processo de socialização e é, também, dirigir, em grande parte, a socialização para uma relação com o objeto (BROUGÈRE, 1995, p.64).

Ao brincarmos, tudo surge na imaginação de uma criança e, hoje, vejo com clareza o quanto esses brinquedos confeccionados por mim contribuíram para que eu me tornasse uma pessoa com fortes convicções, que sempre vai em busca do que pretende e que valoriza tudo o que a natureza e o meu trabalho me proporcionou.

Os contos, as histórias e as brincadeiras cantadas, as chamadas cantigas também foram importantes, pois contagiavam e divertiam a criançada naquele tempo, como “ciranda cirandinha”, “passa gavião”, “pai Francisco”, “escravos de Jó”, “passará-passará”, “bom dia, senhoria” e outras que até hoje continuam fazendo parte de nossa cultura popular, mas que atualmente estão esquecidas no tempo. Segundo Abreu (2005), os brinquedos cantados são brincadeiras musicais onde as crianças exercitam sua energia criativa e sua capacidade motora. A cultura brasileira é riquíssima nessas práticas tradicionais da infância. Por conta da mistura das influências das culturas europeias, africana e indígena na nossa história civilizatória, ganhamos um lindo acervo de folgedos, melodias, contos, acalantos, jogos e coreografias extremamente lúdicas e criativas, mas que aos poucos vão desaparecendo pela mudança dos hábitos e pela massificação que a mídia impõe às crianças de hoje.

A brincadeira de pular corda era prazerosa, saíamos em grupo de amigos pelas ruas e quintais para procurar corda de cipó no meio do mato, a corda tinha que ser bem forte e comprida para suportar o impacto da hora de rodar, duas pessoas rodava a corda enquanto outras pulavam e até cantavam dentro para animar ainda mais a brincadeira.

Recordo-me que tinha três bonecas que havia ganhado no Natal, mas eram bonecas simples e que para mim tinham um valor sentimental muito grande, pois não deixava ninguém mexer com elas, só eu brincava e tinha maior cuidado, porém não lembro o que aconteceu com minhas bonecas, acredito que com o passar do tempo minha mãe de desfez delas.

Nesse tempo, em nosso cotidiano, os jogos, os brinquedos e as brincadeiras eram vistas, quase que em sua totalidade, como fonte de lazer e divertimento, essas atividades nos proporcionavam criar, estimular a fantasia e a interagir de maneira espontânea e criativa.

Posso dizer que até os meus 10 anos tive uma infância saudável, por ter me proporcionado liberdade para conviver em harmonia socialmente e culturalmente nas localidades as quais minha família fazia parte, trazendo-me muitas aprendizagens que me fortaleceram, vindo de momentos difíceis e, ao mesmo tempo, prazerosos, pelo qual passei e que, hoje, ainda estão atrelados em minha memória.

## 1.2 MINHA ADOLESCÊNCIA E PARTE DA JUVENTUDE

Posso dizer que minha adolescência iniciou-se aos onze anos, quando minha mãe resolveu me conceder para uma família que residia em Belém do Pará, esse foi o momento de muita tristeza para mim, pois daquele dia em diante eu deixaria de aproveitar o restante de minha infância para me tornar uma adolescente com responsabilidades, passando a cuidar de um bebê e de alguns afazeres domésticos com apenas 11 anos (Imagem 2).



Imagem 2: Minha adolescência (13 anos).  
Fonte: Arquivo pessoal, 1990.

No início foi tudo maravilhoso, a família me tratava bem, mas depois de um ano a dona da casa passou a me maltratar, não deixava sair de casa e nem visitar minha família nas férias. Depois de certo tempo, passou a me espancar por qualquer motivo.

Esse foi um período onde pensei em contar para meus pais o que estava acontecendo, mas eles não iriam acreditar em mim. Até que um dia ela me bateu e consegui me esconder em uma árvore que tinha no fundo do quintal de uma vizinha, o dia foi passando e a noite foi caindo e, com muito medo, resolvi chamar pela vizinha que já sabia do ocorrido, pedi que ligasse para uma tia que morava perto e lhe contasse o que havia acontecido para que me buscasse. Jurei que nunca mais

voltava para aquela casa. Isso me fez compreender que não se deve sujeitar-se às humilhações e nunca fugir dos problemas, mas sim procurar resolvê-los da melhor forma possível.

Então outra parte de minha adolescência morando na casa de minha tia, ajudava nos afazeres da casa, estudava e, nas horas vagas, brincava e conversava com meus amigos.

Aos 13 anos em 1990, diante de muita discriminação que sofria, principalmente na escola, por ter minha pele manchada, pedi para minha tia me levar ao médico onde foi confirmado que sofria de uma doença e pele rara chamada Xeroderma pigmentoso, onde passei a usar muito protetor solar e andar só de sombrinha, quando saía durante o dia. Isso me fez mudar a rotina em que estava acostumada a viver e as brincadeiras de rua somente à noite, praia nem pensar.

Em 1992 chegaram às férias e fui passear em Abaetetuba na casa dos meus pais e resolvi não voltar para Belém. Morei mais um ano com meus pais, só que naquela época as coisas ainda estavam financeiramente difíceis e, novamente resolvi tentar trabalhar em outra casa de família, mais uma vez na capital do Pará.

Cheia de esperança que as coisas iriam dar certo, com o passar do tempo verifiquei que eram somente promessas, a dona da casa não me pagava o combinado e novamente vivia numa prisão, pois só tinha o direito de ir para a escola.

Então, em 1993, decidi voltar para casa e jurei que iria me dedicar aos estudos e não mais trabalhar na casa de mais ninguém. Passei a cuidar de casa para minha mãe trabalhar, estudava a noite, devido meu problema de pele que havia se agravado, pois os médicos falaram que eu não poderia mais sair de casa durante o dia. Nunca desisti dos meus estudos, mesmo com toda a discriminação que sofria na escola, na rua quando passava, nos lugares que frequentava todos me olhavam com desprezo e indiferença.

Recordo-me que certo dia, eu recebi um comentário de um senhor que me perguntou se haviam jogado piche em mim, esse dia foi o pior de todos, pois mesmo com tudo que eu já havia passado em minha vida, nesse dia meu coração doeu tanto que chorei sem parar e, quando consegui falar, respondi a ele que poderia o processar, mas não o faria, e que sou assim “porque Deus quis que fosse assim e

deixarei para ele julgar a sua ofensa”. Ao refletir hoje em dia sobre isso, posso dizer que não se deve de maneira nenhuma julgar ou discriminar as pessoas independentemente de aparência, cor, raça, religião ou opção sexual.

Posso ressaltar que esse período em minha vida foi de muitas idas e vindas, mas aprendi a crescer, a ser responsável e, principalmente, olhar o outro por dentro e não por fora, pois como já diz um conhecido ditado: as aparências enganam.

### 1.3 MATERNIDADE E MINHA VIDA ADULTA

Tornei-me mãe no dia 16 de dezembro de 1996, com o nascimento do meu primeiro filho João Victor, foi uma alegria muito grande, posso dizer que não tive dificuldade para cuidar do meu filho, pois já tinha conhecimento de como cuidar de um bebê. Pude mostrar o aprendizado que já tinha e com a ajuda de minha mãe aprendi muito mais e comecei a pensar como iria ensinar e educar meu filho tanto na escola como para enfrentar a vida. Mas tinha a certeza que deveria ensiná-lo a dar valor no presente e respeitar seu próximo.

Tive a oportunidade de ter quatro filhos, dois do meu primeiro parceiro, João Victor, que hoje tem vinte anos e o Marcus Vinícius de dezesseis anos. Com o meu segundo marido com o qual vivo há doze anos tive o Jael Augusto de oito anos e Mayana Cristina de cinco anos.

Considero que a maternidade é um momento abençoado por Deus e que, como mãe, tenho uma responsabilidade muito grande com a educação de meus filhos. Aprendi que a família é a base mais importante na formação de valores para educação atualmente.

Minha fase adulta se iniciou muito cedo, pois tive que aprender a ter responsabilidade cuidando de casa e até de bebês. Isso me fez não apresentar muita dificuldade para realizar papéis de dona de casa, cuidar de maneira correta de crianças e outras diversas tarefas de uma pessoa adulta (Imagem 3).



Imagem 3: Eu aos 38 anos de idade.  
Fonte: Arquivo pessoal, 2015.

Mas posso relatar que tive os momentos que me marcaram nessa fase, que foram às responsabilidades que tive com meus dois primeiros filhos, onde tive que trabalhar para sustentá-los.

Sempre fui uma pessoa decidida e sempre corri atrás dos meus objetivos. Mesmo com meus problemas de saúde nunca desisti de estudar e aprender cada vez mais para melhor educar meus filhos.

## 2 MINHA FORMAÇÃO

### 2.1 ENSINO FUNDAMENTAL MENOR (1ª A 4ª SÉRIE)

Iniciei a minha vida nos bancos escolares aos sete anos de idade, na década de 80, mais especificamente em 1984, em uma chamada sala de emergência São João, que nessa época foi criada nas ilhas, nos locais onde não tinha escolas, a mesma funcionava em barracões da comunidade ou na casa da própria professora da época, pois as turmas eram multiseriadas, ocasionando a superlotação da sala, e o professor não dava o suporte necessário no processo ensino aprendizagem, dessa forma me sentia muito prejudicada e sem o preparo suficiente para ser aprovada, então permaneci na 1ª série.

No ano seguinte, em 1985, fomos morar para a zona urbana de Abaetetuba, onde tive cursar novamente a 1ª série, na escola Maximiano Antônio Rodrigues, localizada na Travessa Santa Isabel no bairro do Algodal. Nessa época o ensino fundamental menor era de responsabilidade do Estado no Município de Abaetetuba (hoje em dia apenas do ensino fundamental de 6º ano em diante que é responsabilidade do Estado, em Abaetetuba); e onde eu estudava funcionava em três horários, manhã, intermediário e a tarde. Recordo que a escola era simples, possuía oito salas de aulas, dois banheiros, sendo um feminino e outro masculino, refeitório, salão de lanche, secretaria, sala de professores, sala do diretor e uma área bonita para que as crianças pudessem brincar. (Imagem 4)



Imagem 4: Escola Maximiano Antônio Rodrigues.  
Fonte: Arquivo pessoal, 1985.

Ainda relatando sobre minha escola, a primeira imagem que tenho é a de carteiras dispostas em fila, à frente o quadro negro, a mesa do professor, giz e apagadores. Nas carteiras alunos ‘silenciosos’, ‘quietos’ e atentos, em nossa frente o professor ‘autoritário’, onde pouco conversava com os alunos ou sorria, as aulas eram momentos marcados por situações de obediência, ao professor era garantido o direito de voz e aos alunos o dever de ouvir e prestar atenção nas aulas sem questionamento por parte dos alunos.

Hoje o educador deve ter o máximo de cuidado em sala de aula para não constranger os alunos e procurar métodos que venham ajudá-los da melhor forma possível, facilitando a interação professor-aluno para uma boa convivência e participação ativa dos mesmos. Para Paulo Freire (1987) o educador que não humaniza, ou seja, não chama o educando a pensar, a fazer uma nova leitura da realidade, e apresenta algo já pronto, já acabado, com o propósito de que este simplesmente se adapte e não transforme, recebendo passivamente um conhecimento empacotado não se tornará um educador libertador. “Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los” (FREIRE, 1987, p.66).

Ao longo dos tempos a cultura escolar desenvolvida no Brasil desde o início do século XVI até meados do século XX foi marcada por métodos tradicionalistas conservadores e reformistas, cujos métodos ainda estão presentes na memória das pessoas em alguns afazeres escolares até os dias de hoje assevera que o ensino transmissivo, portanto prescritivo, domestica a curiosidade.

Segundo o autor:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto. A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de limitá-lo, de cindi-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar. Freire (1996, p. 95)

Fui alfabetizada aos sete anos de idade com o método da cartilha do ABC, no caderno de caligrafia, passando ditados e cópias e na tabuada, sempre fui uma aluna comportada e prestava muita atenção nas aulas, me destacava em matemática, onde apresentava bastante facilidade com os números, também gostava muito de brincar, mas naquela época os professores eram muito rigorosos, não tínhamos a liberdade de nos expressar quando fosse necessário. A educação era como a educação bancária, onde somente o professor tinha o direito à voz, devendo aos alunos aceitar passivamente o que ele dizia, dessa forma cabe aos alunos apenas receber os depósitos que o professor faz dos conhecimentos que possui (FREIRE, 1987).

Nessa época, assim como hoje, alfabetizar seguia o método tradicional, onde somente professores exerciam o direito da fala, enquanto o aluno só recebia informações. Os métodos e a postura dos professores eram bem diferentes das quais se vê nos dias de hoje, as metodologias eram somente o quadro e o giz, raramente usavam os livros didáticos e eram bastante severos com os alunos em sala de aula. Lembro-me que eram bem poucos os professores que faziam aulas diferenciadas com os seus alunos.

Segundo Libâneo (1994), o professor tem o dever de planejar, dirigir e controlar esse processo de ensino, bem como estimular as atividades e competências próprias do aluno para a sua aprendizagem. Ainda para o autor, o trabalho docente também chamado de atividade pedagógica tem como objetivos primordiais:

Assegurar aos alunos o domínio mais seguro e duradouro possível dos conhecimentos científicos; Criar as condições e os meios para que os alunos desenvolvam capacidades e habilidades intelectuais de modo que dominem métodos de estudo e de trabalho intelectual visando a sua autonomia no processo de aprendizagem e independência de pensamento; Orientar as tarefas de ensino para objetivo educativo de formação da personalidade, isto é, ajudar os alunos a escolherem um caminho na vida, a terem atitudes e convicções que norteiem suas opções diante dos problemas e situações da vida real (LIBÂNEO, 1994, Pág. 71).

Esse período da alfabetização também foi marcado para mim pelo ato de brincar, principalmente na hora da entrada, quando sempre eu ia uma hora para a

escola, onde meus colegas e eu brincávamos de pula corda e pula elástico, eu adorava e pulava até nas pontinhas dos dedos das mãos sobre a cabeça, e na hora do intervalo continuávamos a brincar, principalmente de brincadeiras de comando e bandeirinha, era uma verdadeira diversão.

Os brinquedos e as brincadeiras possibilitam a apreensão da cultura e dos seus valores. De acordo com o autor, atividades lúdicas, como as brincadeiras são geradoras potenciais de desenvolvimento e a principal atividade da criança. Dessa forma, o papel que o brincar exerce na formação e no desenvolvimento da criança é relevante, pois as brincadeiras são elementos culturais riquíssimos que possibilitam inúmeras aprendizagens. (VYGOTSKY, 1984, p. 54).

Recordo-me de mais um momento que vivenciei na escola Maximiano Antônio Rodrigues, em 1986, que era hora do recreio onde nós alunos rezávamos para que esse momento chegasse, pois o lanche era ótimo e saboroso, repetíamos várias vezes, principalmente quando o cardápio era almôndegas com macarrão ou arroz, sardinha com macarrão, mingaus deliciosos como de banana, fubá, tapioca e outros, além das inúmeras trocas de conversas nos corredores da escola para descontrair as tensões das aulas.

O uniforme era indispensável para a identificação das crianças na escola, ainda lembro-me do meu, composto por uma saia de pregas e camisa branca de manga curta, sapato preto e meias brancas e, ainda tínhamos que levar nosso copo, então minha mãe mandou fazer um saquinho de pano com elástico para colocar o copo do lanche.

Nessa época o que mais me chamava atenção eram as aulas de língua portuguesa, mais especificamente quando a professora dava aula sobre ditado de palavras, na 1ª e 2ª série do Ensino Fundamental Menor. Quando os alunos erravam alguma palavra, tinham que repetir a mesma de 5 a 10 vezes, para nós era um momento de tristeza e ao mesmo tempo nos esforçávamos para não errar nenhuma única palavra.

Na 4ª série tive o prazer de estudar com a professora Graça, uma mulher simples, paciente com os alunos, um anjo de pessoa, quando a mesma estava na sala de aula todos os alunos gritavam de alegria, uma pessoa humana que realmente se preocupava em ensinar, mas de uma maneira alegre e descontraída, deixando os alunos à vontade para participar das aulas. Sempre procurava fazer

atividades fora da sala de aula, para que os alunos pudessem perceber o que tinha ao seu redor e questionar por mais tempo e assim ela poderia ensinar melhor e de forma que o aluno aprendesse realmente e nunca esquecesse esse momento.

Ainda sobre a amada professora Graça, recordo-me que ao lado da escola tinha um terreno imenso e com muitas plantas de toda espécie e alguns animais. E, em uma de suas aulas maravilhosas, ela nos levou a esse espaço para nos mostrar e trabalhar disciplinas como ciências, história e geografia, onde hoje para o ensino é muito importante o professor trabalhar em sala de aula a interdisciplinaridade<sup>2</sup>, método esse que envolve nos assuntos todas as disciplinas, facilitando assim o processo de ensino aprendizagem. Esse momento ficou marcado até hoje, ela era uma excelente alfabetizadora, tinha que se “desdobrar” para ensinar todas as disciplinas. Hoje, a mesma já está aposentada de sua profissão, mas quando era docente sempre procurou fazer o melhor para que seus alunos aprendessem.

Como diz Libâneo (1994), é necessário para o planejamento de ensino que o professor compreenda as relações entre educação escolar, os objetivos pedagógicos e tenha um domínio seguro dos conteúdos ao qual ele leciona, sendo assim capaz de conhecer os programas oficiais e adequá-los às necessidades reais da escola e de seus alunos.

Durante toda minha vida de estudante sempre estudei em escolas públicas, meu primeiro caderno foi confeccionado com folhas de prova costurado a linha, minha borracha era de tampa de remédio em gotas, o lanche tinha que ser o da escola, não dava para levar todo dia, pois a condição financeira de meus pais não permitia.

Foi uma época bem difícil, meu pai viajava e para não passarmos muita necessidade minha mãe começou a lavar e passar roupa para algumas famílias, para ajudar nas despesas e meu irmão Ricardo aos 10 anos de idade vendia chopp e coxinha na feira da cidade toda manhã, para ajudar nas despesas da escola minha e dele, e assim concluir na escola Maxiliano Antônio Rodrigues meu ensino fundamental menor.

---

<sup>2</sup> Segundo Libâneo (1994), interdisciplinaridade é o processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do professor e dos alunos, ou seja, o professor dirige o estudo das matérias e assim, os alunos atingem progressivamente o desenvolvimento de suas capacidades mentais. É importante ressaltar que o direcionamento do processo de ensino necessita do conhecimento dos princípios e diretrizes, métodos, procedimentos e outras formas organizativas.

## 2.2 ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR (5ª A 8ª SÉRIE)

O ano de 1989 foi marcado por idas e vindas durante minha formação e por minha família está passando por momentos difíceis, principalmente financeiro. Em razão disso, minha mãe me concedeu para morar na casa de um primo dela, chamado Delmir que morava em Belém, no bairro do Telégrafo, localizado na Travessa Santa Isabel, para cuidar de seus filhos Carol de 5 anos e Tiago de 1 ano de idade.

Cursei a 5ª e a 6ª série na escola Augusto Montenegro, localizada na Travessa Magno de Araújo, entre Rua do Una e Travessa Gonçalves Ferreira, em frente a vila dos bancários, no bairro do Telégrafo. Quando cheguei à escola para cursar a 5ª série, o primeiro dia foi memorável, pois os começos de aulas em uma nova escola davam sempre um pouco de medo, tomada por muita expectativa, afinal tudo era novo e diferente para mim. A escola tinha uma estrutura física espetacular, fiquei encantada, era uma escola grande de três andares, dividida em dois prédios, um a direita e outro à esquerda, as salas eram nos dois andares de cima e no térreo era um salão imenso tanto a direita com a da esquerda, em cada andar do prédio tinha seis salas de aula, ao meio dos dois prédios ficava a secretaria, diretoria, sala dos professores, biblioteca e outras dependências, atrás tinha quadra de esporte e atrás da quadra entre os dois prédios tinha também uma imensa copa-cozinha e quatro banheiros, dois femininos e dois masculinos, acima desta copa tinha um belíssimo auditório. Era uma escola estruturalmente espetacular.

As metodologias de ensino não eram tão diferentes quanto às da escola que eu já tinha estudado em Abaetetuba, também eram tradicionais, porém as aulas de educação física se destacavam na escola, que depois de matemática passou a ser a minha disciplina preferida. A escola era tradicional, porém com uma diferença, o método de ensino era menos rígido e os professores já davam oportunidades para que os alunos fizessem trabalhos pesquisados, o que teve um significado muito importante para o meu aprendizado, na escola tinha laços de amizade entre professor-aluno e aluno-aluno e isso fez com que no passar do tempo eu me “abrisse” com uma das professoras, onde em minha lembrança não me recordo seu nome, mas lembro-me que comentei com ela, que eu era maltratada em casa pela esposa de meu primo, Delmir, e na escola por alguns alunos, em razão de ser portadora de uma doença de pele, chamada *Xeroderma Pigmentoso*, onde eu

passava me chamavam de “ferrugenta” e diversos outros apelidos maldosos, isso me deixava ainda mais triste e tinham dias que não queria ir à escola e nem sair de casa.

O bullying sempre tem como objetivo ferir e magoar a vítima, ocorrendo principalmente de três maneiras: agressões físicas diretas; agressões verbais diretas; e agressões indiretas. A agressão verbal direta envolve ações de insultos em público, incluindo xingamentos, provocações, ameaças, apelidos maldosos, comentários racistas, ofensivos ou humilhantes. E a agressão indireta se dá pelo isolamento e exclusão social dentro do grupo de convivência, dificultando as relações da vítima com os pares ou prejudicando a sua posição social, por meio de boatos, ignorando a presença da vítima ou ameaçando os outros para que não brinquem com a mesma. (PEREIRA, 2002 *apud* ZEQUINÃO, et al., 2016).

E em relação aos maus-tratos em casa, a mesma me aconselhou a falar com meus pais ou com Delmir, e sobre o bullying que sofria na escola e na rua ela falava para que eu não ligasse. Então dessa forma lembro com muito carinho dessa querida professora, pois além de me ouvir com atenção, ela também me aconselhava e se tornou minha amiga, fazendo assim com que eu me aproximasse com mais facilidade dos outros alunos e melhorasse na minha autoestima.

O aluno vê no professor as chances de um caminho mais consistente na busca da realização cognitiva se este representar o afeto positivo, o apoio necessário, constituindo-se num fator de proteção no ambiente escolar. É importante destacar que os aspectos afetivos e uma interação professor-aluno positiva tem papel preponderante nas afinidades que se desenvolvem professor entre aluno-professor–no “gostar” do professor (GOLDANI, 2010, p. 29).

Lembro-me que nessa época não tinha tempo para estudar em casa, e como eu estudava pela manhã na escola, levantava às 4 horas da manhã para estudar em minha residência e às 6 horas tinha que ajeitar a casa, fazer o café e comprar pão, somente às 6:45 da manhã saía de casa para ir à escola, e quando chegava às 11:30 ainda tinha que deixar o almoço no Ver-o-Peso para o meu tio Salomão, chegava somente às 13:00 horas da tarde, aí então que ia tomar banho e almoçar.

A escola Augusto Montenegro foi uma das escolas a realizar um trabalho educacional especializado, pois a Constituição Federal de 1988 trouxe como um de seus objetivos fundamentais “promover o bem de todos, sem preconceitos de

origem, raça, sexo, cor e quaisquer outras formas de discriminação" (Art. 3. inciso IV). Define no artigo 205 a educação como um direito de todos garantindo o pleno desenvolvimento da pessoa o exercício da Cidadania e à qualificação para o trabalho. No seu artigo 206, inciso I, estabelece a "igualdade de condições de acesso e permanência na escola" com um dos seus princípios para o ensino e garante como dever do Estado a oferta do atendimento educacional especializado preferencialmente na rede regular de ensino (Art. 208) (BRASIL, 1988).

Em 1991 estudei na escola Castelo Branco, localizada no bairro da Cidade Velha, lá cursei a 7ª série, no ano seguinte fiquei retida, e no ano de 1993 fiz somente o primeiro semestre da 8ª série. Foi um período muito bom, a escola não era grande, mas tinha uma estrutura física boa, a mesma era de três andares, mas dividido apenas em um prédio, no térreo ficava a secretaria, a diretoria, a sala dos professores, dois banheiros, uma área para o recreio e uma copa-cozinha, nos outros dois andares ficavam as salas de aula, em cada andar tinha seis salas e dois banheiros feminino e masculino.

O método de ensino era o mesmo com poucas aulas diferenciadas, porém continuava a me destacar nas aulas de matemática e educação física, nessa época ainda sofria bastante discriminação pelo meu problema de pele, me entristecia muito, mas não ligava.

Quando findou o primeiro semestre da 8ª série voltei para a cidade de Abaetetuba e continuei a cursar o restante da série na Escola Pedro Teixeira, localizada na Rua Frei José Maria de Manaus, no bairro do Algodão. Uma escola com uma estrutura física naquela época ótima, pois o espaço era grande, tinha três blocos, no primeiro ficava a secretaria, a diretoria, a sala dos professores, duas salas de aulas e dois banheiros feminino e masculino. No segundo bloco tinha quatro salas de aulas do lado direito e quatro do lado esquerdo, no terceiro bloco tinha mais quatro salas do lado direito e quatro salas do lado esquerdo, entre o segundo e o terceiro bloco ficava a cozinha, um depósito de material e uma lanchonete; e ao meio um salão onde até hoje há uma imagem de uma santa, atrás do terceiro bloco ficava o auditório e ao lado do segundo bloco uma quadra de esporte, mesmo assim ainda restava uma imensa área livre com bastante verde e

árvores que costumávamos ficar nos horários vagos e no intervalo conversando e se distraíndo com algumas brincadeiras enquanto o tempo passava. (Imagem 5)



Imagem 5: Escola Pedro Teixeira.  
Fonte: Arquivo Pessoal, 1993.

Tenho boas recordações desse período, pois eu estudava à noite e na mesma sala do meu irmão Ricardo, foi um momento inesquecível onde ajudava muito meu irmão nos estudos, pois ele trabalhava durante o dia e não tinha tempo para estudar e apresentava muita dificuldade em matemática e como eu me destacava nessa disciplina, pude ajudá-lo perfeitamente.

O ensino nessa época, assim como hoje na maioria das escolas, era ainda tradicional<sup>3</sup>, mas já tinha professores que faziam aulas diferenciadas na escola, como exposição, pesquisas, aulas fora do ambiente escolar, entre outras; e lembro-me do professor Nonato, que ministrava a disciplina de matemática, um homem muito inteligente, mas era muito rígido, e como eu gostava da disciplina não o esqueci, até hoje ele ainda trabalha na função de docente em várias escolas do município de Abaetetuba, e até mesmo na referida escola, Pedro Teixeira.

Em todo o período que cursei o ensino fundamental maior de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série, não presenciei mais o uso da palmatória em sala de aula, que era uma metodologia muito usada no fundamental de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série na hora da tabuada, onde graças ao meu bom desempenho na disciplina de matemática não fui acometida com essa

---

<sup>3</sup> O método tradicional de ensino/aprendizagem centra-se no ato de transferir conhecimento. Considera o professor visto como portador de conhecimentos que devem ser repassados aos alunos, que, por sua vez, devem decorá-los para logo serem conferidos pelo professor. Para contrapor com esse paradigma da escola tradicional, Paulo Freire (1996) critica acentuadamente esse método, pois acredita que é pedagogicamente inviável ensinar num patamar de superioridade e autoritarismo como indica a educação tradicional.

prática, mas mesmo assim nesse período a metodologia de ensino mudou pouco, os professores seguiam rigidamente os conteúdos programáticos, o sistema de avaliação era somente através das provas escritas e conceitos.

O professor era considerado o responsável por inculcar os valores “civilizadores” em seus alunos. Um fato que poderia ganhar destaque na Instrução pública e talvez ao restante da sociedade, é que este mestre conseguia difundir estes valores sem recorrer aos castigos corporais. Naquele período, conseguir o desenvolvimento dos alunos sem aplicar tais castigos era considerado uma façanha por muitos educadores, pais e instrutores. [...]. Para efetivá-los, surge a necessidade da aprovação do governo, já que este órgão era responsável por todo o investimento feito na Instrução Pública. (DALCIN, 2005, p. 09-10).

Dessa forma sob um rígido sistema de ensino, o espírito crítico, autônomo e reflexivo que hoje é bastante discutido no sistema educacional, esteve ausente nas instituições de ensino da época, conforme caracterizado por Libâneo (1994) no ensino tradicional.

A atividade de ensinar é centrada no professor, que expõe e interpreta a matéria, às vezes são utilizados meios como a apresentação de objetos, ilustrações, exemplos, mas o meio principal é a palavra, a exposição oral, supõe-se que ouvindo e fazendo exercícios repetitivos, os alunos gravam a matéria para depois reduzi-la (...). O aluno é assim o recebedor da matéria e sua tarefa é simplesmente decorá-la (LIBÂNEO, 1994, p. 64).

Todo esse processo educacional pelo qual passei, a precariedade das escolas, o método de ensino tudo era aceito, pois éramos todos acomodados diante do sistema mecânico de ensino, que ainda predominava na nossa sociedade. Então em 1993 conclui o Ensino Fundamental Maior.

## 2.3 ENSINO MÉDIO

Entre os anos de 1994 e 1996 optei por cursar o ensino médio na área do magistério, muito de ensinar e muito das minhas brincadeiras na minha infância foi de ser professora, ou melhor, de dar aula para minhas amigas, então eu realmente queria exercer a área da docência. O magistério seria um sonho realizado, então comecei em 1994, na Escola de Ensino Fundamental e Médio Basílio de Carvalho,

localizada na Avenida Pedro Rodrigues, no Centro da cidade de Abaetetuba. (Imagem 6)



Imagem 6: Escola Basílio de Carvalho.  
Fonte: Arquivo pessoal, 1994.

A escola Prof. Basílio de Carvalho tinha salas bem divididas, um salão bem grande para o refeitório, corredores e uma escada que dava acesso à parte superior do prédio. A escola também possuía uma biblioteca, uma secretaria, uma diretoria, uma sala de professores, dois banheiros e um local para que os alunos colocassem as bicicletas, que na época era o meio de transporte mais utilizado pelos alunos que moravam longe. Cheguei à escola com uma expectativa muito boa, pensava: “nossa! vou ser professora”, para mim sempre foi um sonho de infância, pois já sabia que eu realmente queria ser professora, a construção de um sonho que estava prestes a ser realizado.

Em todo o período que cursei o ensino médio no magistério, percebi que as metodologias de ensino haviam mudado muito pouco, os professores ainda continuavam com a mesma metodologia de perguntas e respostas, somente nas aulas de prática de ensino, que a professora Graça procurava desenvolver uma aula bastante dinâmica, alegre e expositiva, porém o que me chamava mais atenção em suas aulas era a maneira segura e firme de que conduzia suas aulas e tudo ficava mais fácil.

Sabendo que o curso de Magistério ia me ensinar como trabalhar em sala de aula como professora, as disciplinas eram diferenciadas, porém continuei a me

destacar em matemática e senti gosto pelas outras disciplinas como didática, prática, dentre outras.

Recordo-me principalmente das aulas de estágio, que nós tínhamos que fazer no 1º, 2º e 3º ano. No 1º ano seria apenas a observação, no 2º ano participação, com algumas contribuições em sala de aula e no 3º ano a regência, que era a atuação em sala de aula.

No 1º ano eu analisei que os professores ainda eram autoritários em sala de aula, e eram poucos os alunos que questionavam, ainda tinha professor que mandava os mesmos ficarem calados. No 2º ano no estágio de participação, já podíamos ajudar os alunos e principalmente questionar as práticas do professor em sala, muitos docentes não permitiam estagiários na sala, diziam que nós íamos dar opiniões irrelevantes no seu método de trabalho. Mas o que mais me marcou foi no 3º ano no estágio de regência, onde tínhamos que planejar as aulas nos mínimos detalhes, desde o objetivo, a acolhida, até o momento do encerramento da aula no fim do dia a dia, e por fim, depois nos apresentávamos em sala de aula para os professores de didática e prática de ensino.

O mais difícil não era o momento com as crianças, mas sim a apresentação final com nossos outros colegas de estudos, na frente de nossos professores. A professora de artes, onde não me recordo o seu nome, sempre caprichava nas suas aulas, fazíamos confecção de artesanato, materiais educativos, músicas, apresentações de peças infantis, momentos de muita reflexão sobre a importância do educador, ela dizia que deveríamos saber de tudo um pouco e sempre estar se atualizando para melhorar as aulas.

Segundo Behrens (1996, p. 24) “a prática pedagógica nas escolas da atualidade, exige um professor bem capacitado e preparado para trabalhar com os alunos e também com as novas problemáticas que estão presentes no cotidiano da sociedade”. Na busca da educação continuada é necessário ao profissional que acredita que a educação é um caminho para a transformação social.

O ensino do magistério sofreu grandes transformações, acompanhado de situações políticas, econômicas, sociais e culturais em que o mundo se encontrava, hoje não se vê mais falar em cursos de Magistério, que é lastimável, pois o

magistério foi um dos caminhos que me levou ao desejo de me tornar professora e ter a chance de pôr em prática tudo o que aprendi, em busca do ensino da docência.

Essa época também foi um período muito difícil na minha vida, pois o meu problema de pele estava se agravando e de vez em quando tinha que retirar pequenos tumores do rosto, dos braços, do tórax, e para piorar, minha doença atingiu os meus olhos aparecendo carne crescida, onde se espalhava para fora dos olhos e sentia muita dificuldade para ver e conseqüentemente era muito constrangedor sair de casa durante o dia. Os horários de estágio em sua grande maioria eram no intermediário, onde o sol estava quente demais e eu não podia sair de casa, mesmo assim tinha muita força de vontade, ia por debaixo de sombrinha, “lambuzada” por protetor solar e óculos escuros, eu não faltava aos estágios e principalmente nas aulas. Finalmente no final de 1996 eu concluí minha formação do magistério, mais especificamente no ensino médio, foi uma festa muito grande e eu fiquei muito feliz, pois mesmo diante das dificuldades nunca desistir.

E para concluir, o magistério foi um dos momentos mais importantes da minha vida escolar, pois foi à consagração de todo o esforço e dedicação que só estava começando. E, foi de suma significância pedagógica, pois através dos diversos ensinamentos aprendi que, como professores, devemos ser criativos, para aguçar a curiosidade e o interesse dos alunos e pude desenvolver vários métodos onde vieram contribuir na minha prática em sala de aula (Imagem 7).



Imagem 7: Minha Formatura do Magistério.  
Fonte: Arquivo pessoal, 1996.

### 3 MERCADO DE TRABALHO

Na verdade, iniciei no mercado de trabalho informal muito cedo onde com 11 anos de idade em 1988, quando minha mãe me concedeu para morar com seu primo Delmir e lá em eu iria cuidar de duas crianças e de alguns afazeres de domésticas. Isso ocorreu no fim dos anos 80, onde passei a trabalhar em casa de família, acreditando somente em promessas de melhorar nos estudos. Naquela época as mães que não tinham condições de cuidar de seus filhos, e até mesmo com o pensamento que eles pudessem estudar, as mesmas não imaginavam que o ato de uma criança cuidar de outra criança e trabalhar na casa de outras famílias, em afazeres domésticos, o que conhecemos hoje como trabalho infantil.

Devido a exploração de crianças e adolescentes ser um fato muito comum em nosso país, foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), uma Legislação que defende todas as crianças do trabalho infantil, de exploração sexual e de qualquer outro ato de vulnerabilidade. Também garante proteção a todas as crianças e adolescente de qualquer violência.

Em 1998 iniciei minha atividade docente no mercado de trabalho formal, na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Sagrado Coração de Jesus, localizada no Rio Maracapucú, nas Ilhas de Abaetetuba, por intermédio de um amigo chamado Osvaldo, onde o mesmo trabalhava como responsável da escola e era o próprio regente das turmas existentes naquela época. E, como as turmas cresceram a Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba (SEMEC), resolveu dividir as turmas e a escola precisava de mais dois professores, então ficou assim 1ª e 2ª série para a professora Lúcia, 2ª e 3ª série para mim, professora Mariana, e a 4ª série para o professor Osvaldo.

E assim aconteceu, trabalhei em 1998 com uma turma multiseriada, no início foi super difícil, o trabalho era em dobro, mas não desanimei, confesso que no início era uma professora tradicional e super autoritária, mas os alunos me receberam com a maior animação, em 1999 as turmas cresceram e eu fiquei somente com a 3ª série, onde através da prática adquirida meu trabalho melhorou muito e nas minhas metodologias procurava sempre inovar e fazer aulas diferenciadas.

No mesmo ano ocorreu o concurso público, na época do prefeito Alzemar Paes, não fui classificada e tive que me afastar da escola. Nos anos seguintes

tentava um novo contrato mais nunca conseguir. Devido à situação financeira está difícil, pois eu já tinha um filho para criar, fui trabalhar de ajudante de cozinha em eventos e zeladora em uma empresa. Trabalho esses que também exigiam qualificação.

Em 2004 fui chamada novamente para trabalhar na referida Escola, para substituir uma professora, então o contrato se prorrogou para 2005 em 2006, continuei a trabalhar na escola de contrato na Educação Infantil, no período II, aí em 2007 veio novamente outro concurso público, na gestão do prefeito Luiz Lopes e novamente me inscrevi, estudei bastante e finalmente fui agraciada com a classificação, fiquei em 334º lugar no cargo de professor, titulado 01, e no dia 01 de agosto de 2008 fui efetivada, onde continuei a trabalhar e estou até hoje. Confesso que adoro minha profissão, mas infelizmente em dezembro de 2013 tive um problema de saúde, onde fui diagnosticada com uma doença, chamada Linfadenectomia Axilar considerado câncer de mama, onde em fevereiro de 2016 fui operada e diante dos acontecimentos tive que ser readaptada na mesma escola para uma sala de leitura, onde há dois anos trabalho. Sinto-me muito bem, trabalho com as turmas do 1º, 2º e 3º ano da manhã, uma vez na semana com cada turma e com o 4º e 5º ano à tarde, um dia na semana com cada turma, acredito que meu trabalho é bom, pois ajudo meus alunos a se desenvolverem melhor na leitura. “Ler é procurar no lado escuro à luz”. (ARAÚJO, 2015).

Por isso que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima. (FREIRE, 1996, p. 43).

Dessa maneira, pensar em compreender as práticas docentes através da memória, em que ao recordarmos imagens do passado percebemos as mudanças ocorridas faz parte da construção de cada ser humano. Os acontecimentos que transcorrem no percurso de nossa vida, posteriormente irão se construir como elementos de nossa identidade.

#### 4 PARFOR

Confesso que nunca imaginei ingressar em uma universidade devido o meu problema de pele e meu sonho mesmo era cursar o magistério, para me tornar uma professora e conseguir um emprego, a fim de ajudar nas despesas da minha família, mas a partir 2005 veio à vontade de me atualizar e participar de uma formação continuada.

Com passar dos tempos pude observar que o mundo estava mudando e as pessoas também, principalmente meus alunos e com avanços das tecnologias, eles passaram a fazer perguntas e questionar por qualquer coisa, até mesmo meus filhos. Então esse foi um dos motivos que me fez acreditar na possibilidade de cursar uma universidade, pois na graduação me qualificaria, tendo base nas teorias que poderiam me ajudar a colocar na prática os métodos adequados no processo de ensino-aprendizagem.

E o próprio governo federal, com o governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, percebeu que tinha que investir nos professores que já estavam em sala de aula para melhoria do ensino, então foi criado o PARFOR, dando oportunidade para os professores da rede pública que não tinham graduação especializada. De acordo com o Ministério da Educação e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, Resolução nº 48, de 04 de setembro de 2009, artigo 2º diz:

O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica é uma ação conjunta do MEC, por intermédio da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em colaboração com as secretarias de Educação dos estados, do Distrito Federal e dos municípios, nos termos do Decreto Nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009, que instituiu a Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, estruturado no âmbito do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), com a finalidade de atender a demanda de formação inicial e continuada dos professores das redes públicas de educação básica, por meio de cursos de primeira e segunda licenciatura e de formação pedagógica, ministrados por instituições públicas de educação superior (IPES).

Meu ingresso na universidade se deu em 2012 quando tive a oportunidade de me inscrever no Plano Nacional de Professores da Educação Básica (PARFOR), me inscrevi em Licenciatura Plena em Pedagogia, a espera pelo resultado da seleção era muito grande, aguardei o resultado com muita expectativa, cursar uma universidade era meu sonho e que estava perto de ser realizado.

O resultado saiu e para minha tristeza meu nome não constava no Sistema, o que me deixou muito triste, mas não perdi a esperança. E novamente em 2013 me inscrevi e para a minha surpresa, fui selecionada, a alegria foi tanta que dia 27 de maio, dia do meu aniversário, fui à igreja agradecer, pois finalmente consegui uma vaga na Universidade Federal do Pará, na cidade de Abaetetuba.

Em julho de 2013 iniciei minha trajetória acadêmica, na busca pela qualificação profissional, com muita força de vontade, compromisso e coragem para ir até o final. A profissão de professor traz para o indivíduo a necessidade de uma formação, não só universitária, mas para todo o processo como profissional da área, para desempenhar de forma adequada seu trabalho. Nesses trezes anos de docência senti a necessidade de me preparar melhor, mesmo com as formações oferecidas pela SEMEC do Município de Abaetetuba, na Universidade iria descobrir algo novo, ampliar meus conhecimentos, buscar novas metodologias baseando-me nas teorias, para desenvolver e ter muito mais a oferecer no processo ensino-aprendizagem.

A conquista do nível superior era um sonho que há muito tempo estava adormecido e que talvez nem fosse possível realizá-lo. Abrir mão de muitas coisas, inclusive da faculdade, para cuidar dos meus filhos e assumir inteiramente a responsabilidade de mãe, pai e amiga, de certa forma me sentia realizada em poder cuidar de meus filhos e sempre pensar no melhor para eles, mas sabia que algo me faltava, a tão sonhada graduação.

Ao longo desse meu processo de formação docente vivi diversas situações das quais tirei grandes lições, que até no momento não havia me dado conta do quanto iriam influenciar na construção dos meus ideais de hoje, ideais esses que podem ser ou não os de amanhã, já que na vida estamos sujeitos a constantes transformações, que podem ser provocadas pelo momento em que estamos vivendo.

O curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, é dividido em oito períodos, em cada um tínhamos seis, e até sete disciplinas, com uma carga horária de 3.200 horas. A UFPA era responsável pelo espaço cedido para as aulas, já que nem todos os períodos davam para ser no Campus, professores com excelente formação e materiais didáticos que eram organizados de acordo com cada disciplina, somente após a crise financeira atingir o Brasil, que o custo das apostilas ficou por conta dos

discentes. Iniciamos o curso de Pedagogia na Escola Estadual Benvinda de Araújo Pontes. Somente em três ou quatro períodos tivemos o privilégio de cursar na Universidade Federal do Pará e concluímos na escola Municipal Dr. Vicente Maués.

É claro que fica difícil abordar tudo que vivi, uma vez que me encontro preste a defender meu Trabalho de Conclusão de Curso e, desde o meu ingresso na universidade até aqui, muitas “águas rolaram”, por isso vou apontar aqui os pontos mais significativos e marcantes para mim, ao longo dessa trajetória.

No início de uma Licenciatura, a insegurança é inevitável e principalmente o receio de não conseguirmos ir até o final, assim foi o meu primeiro dia de aula, pois as dificuldades eram muitas. Comecei meu 1º período na Escola Estadual Benvinda de Araújo Pontes. As aulas aconteciam nos meses de janeiro e julho e de forma intensiva, chamado período intervalar, onde causava um cansaço físico e mental enorme, mas com força de vontade e incentivo principalmente da família, dos próprios colegas da turma, dos professores e amigos valia a pena seguir adiante.

No primeiro semestre foi difícil, pois tinha muita dificuldade de me expressar para apresentar os seminários, mas o curso de pedagogia veio abrir novas portas de conhecimento e de novas formas de melhoria em minha prática docente. Ingressar em uma universidade me fez mudar totalmente minha trajetória de vida familiar, social e principalmente profissional de maneira positiva, despertando em mim uma vontade incontrolável de aprender práticas novas, técnicas que viessem me ajudar em sala de aula no processo ensino-aprendizagem dos meus alunos. Diante dos aprendizados ocorridos durante o processo de formação conseguir perceber que muitas coisas passaram a fazer sentido na minha vida, como o hábito de ler, prática que muitas pessoas não gostam de fazer, mas não sabem o que estão perdendo, pois, a leitura abre nossos horizontes para novos conhecimentos; e falar e escrever se torna mais fácil.

O ato de ser professor é assumir um importante papel ao desenvolver saberes docentes, nas diversas situações formadoras do educando, que permite com eficácia a melhoria do processo ensino-aprendizado, dentro do âmbito escolar. Sendo assim:

A formação profissional para o magistério requer, assim, uma sólida formação teórico – prática. Muitas pessoas acreditam que o desempenho satisfatório do professor na sala de aula depende de vocação natural ou somente da experiência prática, descartando-se a teoria. É verdade que muitos professores manifestam especial tendência e gosto pela profissão, assim como se sabe que mais tempo de experiência ajuda no desempenho profissional. Entretanto, o domínio das bases teóricas – científicas e técnicas na sua articulação com as exigências concretas do ensino, permitem maior segurança profissional, de modo que o docente ganhe base para pensar sua prática e aprimore sempre mais a qualidade do seu trabalho (LIBÂNEO, 1994, p. 28).

O autor acima ressalta que a formação docente está intrínseca entre a teoria e a prática com fundamentos à prática-crítica ou progressista. Durante a trajetória acadêmica fui gostando e me identificando com o curso e a cada semestre vencido, novos aprendizados.

Ao longo desta caminhada acadêmica, foram tantos os professores que por aqui passaram e cada um com sua maneira de ensinar, ou seja, seu jeito de ser, as aulas eram prazerosas e muito significativas. Os mesmos desenvolveram várias disciplinas e cada um com sua forma de ensinar e a maioria muitos criativos, nos levavam a pesquisa de campo, a palestras, trabalhos em grupo, produção individual, seminário, relatos, estágios, entrevistas, sempre com o objetivo de proporcionar uma formação docente competente.

As disciplinas que mais me marcaram foi a de Ludicidade e Educação, Coordenação Pedagógica em Ambientes Escolares e as disciplinas de Estágios Supervisionados.

Na disciplina Ludicidade e Educação, entendi a importância do professor trabalhar à Ludicidade na sua prática docente, pois a mesma proporciona ao aluno a oportunidade de desenvolver melhor suas atividades em equipe, trazendo momentos de socialização, de imaginação a partir do seu conhecimento de mundo, ter contato com regras por meio de jogos, dentre outros, faz o educando crescer adquirindo aptidões fundamentais na vida.

Segundo (GAUPP, apud VIGOTSKY, 2003, p. 157) “em nenhum outro período da vida a criança aprende tanto quanto nos anos de suas brincadeiras infantis”. Atualmente, de acordo com os PCNS da educação infantil (2007), as brincadeiras e os jogos propiciam a ampliação dos conhecimentos por meio da

atividade lúdica. Por tanto o professor não deve em suas práticas docente, principalmente nas series iniciais deixar de trabalhar o lúdico em sala de aula. O educador que trabalha a ludicidade e sua prática, ajuda no desenvolvimento físico, cognitivo, social, dentre outros, aos seus alunos.

Na disciplina Coordenação Pedagógica em Ambientes escolares, tive a oportunidade de conhecer o professor Adelino Ferranti, uma pessoa incrível que me fez acreditar que tudo é possível, desistir nunca. Essa disciplina me fez entender a verdadeira função de um coordenador pedagógico nos ambientes escolares, onde muitas vezes em nossos estágios percebíamos que na maioria das escolas o Coordenador Pedagógico não exercia seu verdadeiro papel e realizava outras funções que não lhe cabiam.

Vale ressaltar que uma das funções principais do Coordenador Pedagógico é promover formação na própria escola como os professores, funcionários de apoio e principalmente com os alunos.

Dessa maneira, torna possível fazer um movimento de aplicação de atividades, na sala de aula, e retornar no grupo, para que as discussões avancem, de maneira significativa provocando mudanças nas práticas docentes. Nas palavras de Franco (2008):

Essa tarefa de coordenar o pedagógico não é uma tarefa fácil. É muito complexa porque envolve clareza de posicionamentos políticos, pedagógicos, pessoais e administrativos. Como toda ação pedagógica, esta é uma ação política, ética e comprometida, que somente pode frutificar em um ambiente coletivamente engajado com os pressupostos pedagógicos assumidos (FRANCO, 2008, p. 128).

Nesse contexto que pode-se formar um coordenador pedagógico, que se identifique com suas funções específicas, exercendo sua ação articuladora, formativa e transformadora, capaz de exercer, nas escolas a mediação necessária à melhoria da qualidade do ensino e do nível de aprendizagem dos alunos.

As disciplinas de estágios na minha formação de vida docente, também tiveram uma grande relevância no enriquecimento teórico, foi um aprendizado no sentido de amadurecer minha prática docente, pois o contato com a realidade de outras escolas, outros profissionais da educação, diversos projetos e alunos

diferentes dos quais convivo, me fez ampliar meus conhecimentos, minha forma de pensar e principalmente minha formação profissional.

A partir do estágio curricular supervisionado nos cursos de Licenciaturas é obrigatório e deve perfazer o total de no mínimo 400 horas, conforme a resolução CNE (Coordenador Pedagógico 2, de 19 de fevereiro de 2002), a qual institui a graduação e a carga horária dos cursos de graduação para a formação de professores para a educação básica. Quando apontamos as relações indissociáveis entre ensino e pesquisa Freire (1996), considera a seguinte abordagem:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p.32).

Os estágios foram divididos em cinco momentos e cada um tinha uma metodologia diferente a ser desenvolvida. O primeiro estágio foi realizado através da observação em sala de aula no fundamental menor, mais especificamente em turmas do 2º e 3º na Escola Municipal Professor Maximiano Antônio Rodrigues no bairro do Algodal. O segundo estágio foi muito interessante, conhecemos um pouco sobre a função do Diretor e Coordenador Pedagógico das escolas e em especial, dos profissionais dessa instituição, através de entrevistas e em seguida preparamos relatórios e apresentações em slide para a turma em geral. No terceiro estágio não tive a oportunidade de participar da mesma turma por problema de saúde, e somente pude repor na turma de pedagogia de 2014, onde aconteceu em fevereiro de 2017, com o objetivo de conhecer a atuação da gestão e Coordenação Pedagógica nas escolas Estaduais do 6º ano ao ensino Médio, onde o trabalho foi concedido na Escola Estadual Esmerina Bou-Habib, trabalho esse executado na forma de observação, entrevista, relatório e exposição destacando pontos positivos e negativos sobre a forma de gestão na referida escola.

O quarto estágio também cursei na turma citada acima pelos mesmos motivos e somente nos dias 08 a 12 de maio de 2017, realizado na escola Fundamental Professor Maximiano Antônio Rodrigues à noite nas turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), foi muito interessante conhecermos um pouco da realidade dos alunos e principalmente nas dificuldades e como professor regente desenvolvia sua

prática docente para melhor chamar atenção e principalmente incentivá-los, para continuar seus estudos, pois com essa “clientela” as dificuldades são muitas, trabalho, família, situação financeira e outros. Mas gostava de ver as diversas maneiras e criatividade da professora em sala de aula, isso enriqueceu meus conhecimentos e principalmente minhas práticas pedagógicas. A avaliação foi feita através da observação, elaboração do relatório, entrevistas e apresentação.

No quinto e último estágio este realizado na Escola Professor Maximiano Antônio Rodrigues junto à Coordenação Pedagógica, onde pude observar que muitas vezes o mesmo não exerce sua verdadeira função na escola e isso deixa falhas no seu verdadeiro papel dentro sua real prática. Considerei esse momento decisivo para a minha formação docente, as experiências de estágios e os caminhos percorridos na formação acadêmica me fizeram perceber que o campo de conhecimento pedagógico e a identidade profissional do pedagogo é unir a teoria com a prática nos vários campos educativos, na formação sócio – educativa. Portanto, a educação é um processo amplo de comunicação e interação em que os indivíduos assimilam saberes, habilidades, atitudes e valores culturalmente organizados na mediação do conhecimento.

O estágio na prática de ensino é um momento importantíssimo na lapidação de acadêmicas que em um futuro bem próximo, pois serão professores qualificados e por sua vez são os profissionais capacitados para fazer acontecer a mudança e o desenvolvimento de uma sociedade.

Observando, pude perceber que a transferência e a mobilidade das capacidades e dos conhecimentos em geral, precisam ser mais bem trabalhadas, exigindo tempo e situações apropriadas para que não se acumule saberes e informações apenas para passar em testes, mas é evidente que o Educador não pode se acomodar, e acreditar que o conhecimento na graduação é suficiente para sua formação. Como seres humanos que vivem em sociedade, devemos ter consciência que “a busca da formação continuada deverá ser uma constante na formação do professor e, para tal, é preciso está aberto às transformações e ao conhecimento que está disponível” (KULLOK, 2000, p. 14).

No mundo da globalização e da internet, nenhum emprego será o mesmo. Para encarar essa transformação o profissional deve se preparar: antes de tudo, é preciso estar aberto para atuar em várias áreas e saber lidar, cada vez mais, com a tecnologia e aperfeiçoar as relações humanas. (BENEDET, 2006, p. 17).

A experiência universitária me proporcionou perceber quão rica é a prática docente de cada educador, como cada um demonstra esse processo e como ela pode ser transformadora, tanto na ação docente quanto no sentido de subsidiar pesquisas no campo da formação docente.

Cada disciplina estudada era um novo desafio, uma nova expectativa, uma renovação dos conhecimentos em minha prática. A prática é a luz da teoria e a teoria a luz da prática. Pois, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção.” (FREIRE 1996, p. 25).

Vejo que todo conhecimento adquirido na universidade, veio somar com os conhecimentos que eu já tinha e me auxiliam hoje no meu planejamento, na minha metodologia e na minha vida familiar de acordo com a minha realidade. Pois, o que pode mudar real são as ações e não as ideias por si. Nessa citação o autor ressalta que devemos reconhecer que transformar a realidade é um processo muito complexo, pois durante minha convivência com diferentes professores, percebi que não adianta apenas mudar a prática docente, se esta não estiver vinculada a um projeto educacional (social), isto é, a uma mudança de concepção, em que o professor possa traçar metas diferenciadas com o aprendizado de seus alunos, de acordo com o momento e situação enfrentada na interação em sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso pautou-se nos pressupostos teóricos da história autobiográfica apresentando dados de narrativas memorialísticas ao longo da minha trajetória de vida, especificamente na infância, adolescência, vida adulta, na minha formação mercado de trabalho e formação acadêmica.

Por meio desse estudo foi possível realizar reflexões de uma melhor visão sobre as práticas pedagógicas, decorrer dos tempos e principalmente refletir sobre a minha prática docente, assim poderei direcionadas a partir da realidade do aluno valorizando a cultura local os conhecimentos empíricos e a leitura do mundo de sujeito.

Pude refletir que ao longo da minha profissão como professora surgiram muitas dificuldades, o que qualquer professor enfrenta, porém me sentia inferior aos outros professores que tinham formação acadêmica, e às vezes tinha medo de dar sugestão, pois não tinha informação suficiente que me desce base um pouco mais consistente para que eu pudesse desenvolver um bom trabalho. Mas sempre procurei fazer o melhor de mim e ensinar da melhor forma possível, pois mesmo sabendo que me faltava formação específica, tinha muita força de vontade em aprender coisas novas e conhecimentos atuais para que eu pudesse ajudar meus alunos, o que me influenciou aos 36 anos de idade a ingressar na universidade.

Ao concluir o curso de licenciatura plena em pedagogia tudo mudou para melhor, passei a ter uma visão mais crítica do meio social, cultural e político, tenho certeza ao perceber com mais convicção que no âmbito de conhecimento, seja ele profissional ou não devemos estar sempre em busca do ato de aprender associando-os como que sabemos e mostrando os quanto sabemos, pois eles de nada vale o conhecimento se fica guardado neste processo de aprendizado quanto mais divulgamos aos outros mais percebemos que falta muito para aprender.

O curso de pedagogia contribui não apenas para melhorar a minha prática em sala de aula, mas a maior beneficiada fui eu, pois a experiência motivou-me a elaborar atividades para auxiliar os alunos e promover uma aula prazerosa, participativa e principalmente significativa.

E para concluir pude compartilhar um pouco sobre as minhas experiências de vida fazendo resgate da minha própria história, para mim foi um grande aprendizado. Nunca durante todos esses meus 40 anos de vida não imaginei que iria contar sobre minha vida toda para alguém, estou muito feliz por ter realizado esse trabalho, pois apesar de todas as barreiras que surgiram nas trajetórias, principalmente de ter que relembra e buscar por memórias até então adormecidas, que me fez acreditar cada vez mais na possibilidade de contribuir de forma correta para uma educação de qualidade, voltada para sociedade mais justa e democrática.

Nesse sentido entendi que ser professor é ter a consciência da importância de nosso trabalho na construção e condução de uma educação justa e digna, capaz de transformar a realidade de uma sociedade, em direção a uma igualdade social, em que todos tenham direito a uma educação de qualidade.

Com isso devemos em nossa prática docente revermos nossas referências teóricas, pois cada atitude pedagógica que tomamos, revela uma concepção e uma compreensão sobre o modo como se ensina.

No percurso da minha formação no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, construí novos saberes e, agora com os saberes teóricos, experiência acadêmica e uma formação cultural, social, ético e intelectual sólida, novas possibilidades se abrirão no meu futuro.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, B. **Leitura e Construção de Textos**. Universidade Federal do Pará, 2015.
- BEHRENS, M. A. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. Curitiba, PR: Champagnat, 1996.
- BENEDET, J. Percepção: o diferencial competitivo dos profissionais de sucesso. **Revista Profissão Mestre**, São Paulo, v. 1, n.1, p.1-45, mai. 2006. Disponível em: <<http://www.profissaomestre.com.br/php/verMateria.php?cod=3344>>. Acesso em: 24 jun. 2017.
- BITTENCOURT, G. R.; FERREIRA, M. D. M. **A importância do lúdico na alfabetização**. Universidade Federal do Pará, 2002.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.
- BRASIL. Constituição (1988). **Emendas Constitucionais n. 1/92, n. 91/2016. Decreto n. 186/2008, de 5 de outubro de 1988**. Biblioteca digital da câmara dos deputados. Centro de documentação e informação – Coordenação de Biblioteca. Brasília, 1988.
- BRASIL. Ministério da Justiça. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. **Lei Nº 8.069, de 13 de Julho de 1990**. Brasília, 1990.
- CRAIDY, C. M. S; G. E. **Educação Infantil Para Que Te Quero?**. Porto Alegre: Artmed, p. 13-22, 2001.
- DALCIN, T. B. **Os Castigos Corporais nas Escolas Domésticas e Isoladas do Paraná no Século XIX: Disciplina e Controle dos Corpos**. UFPR – CAPES. 2005. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br>> Acesso em: 10 mai. 2017.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terras, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica**. 19 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Coordenação pedagógica: uma práxis em busca de uma identidade. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 1, n. 1, p. 117-131, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/ML/article/viewFile/1176/1187>>. Acesso em: 25 mai. 2017.
- GOLDANI, A.; TOGATLIAN, M. A.; COSTA, R. A. **Desenvolvimento, Emoção e Relacionamento na Escola**. Rio de Janeiro: Epapers, 2010.
- KULLOK, M. G. B. **As exigências da Formação do Professor na Atualidade**. Maceió: EDUFPAL, 2000.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MALUF, A. C. M. **A importância das brincadeiras na evolução dos processos de desenvolvimento humano.** Disponível em: <<http://www.profala.com/arteducesp140.htm>>. Acesso em: 05 mai. 2017.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 22<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, A. R. **Elementos para uma comunicação pós midiática.** São Paulo: Unisinos, 2010.

SILVA, K. V.; SILVA, H. M. **Dicionário de conceitos históricos.** São Paulo: Contexto, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **Aprendizado e Desenvolvimento:** um processo sócio histórico. São Paulo: Scipione, 1984.

\_\_\_\_\_. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, Liev Seminovichi. **Psicologia Pedagógica.** Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ZEQUINÃO, M. A. et al. **Bullying escolar:** um fenômeno multifacetado. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 181-198, jan./mar. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v42n1/1517-9702-ep-42-1-0181.pdf>>. Acesso em: 05 mai. de 2017.